

ARTICULAÇÃO ENTRE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Wanessa Cristina Manhente Rocha¹

Coautores: Carime Rossi Elias²

Keila Matida de Melo³

Relato de Experiência – Diálogos abertos sobre a Educação Básica

Resumo: Este relato de experiência apresenta reflexões iniciais do meu processo de formação enquanto aluna de graduação do Curso de Pedagogia da UFG e bolsista Prolicen, que participa de um projeto de pesquisa e atuou em ação de extensão. Como parte dessa articulação também apresenta uma análise discursiva de textos produzidos por crianças. Três oficinas foram desenvolvidas em uma escola da rede municipal de Goiânia com duas turmas em fase de alfabetização com o objetivo de articulação entre a concepção de linguagem de Mikhail Bakhtin e as atividades propostas. A elaboração das oficinas foi proveniente de estudos ocorridos no grupo de pesquisa e de encontros da bolsista com as professoras-coordenadoras para discussão, planejamento e avaliação. Foram confeccionados materiais pedagógicos, produzidos relatórios de campo e realizadas análises das produções dos alunos. A metodologia de ensino envolveu leitura de histórias, discussão de textos, desenvolvimento da escrita espontânea a partir de gêneros discursivos, ilustração de personagem, confecção de crachá dentre outros. Na sala de aula, deparei-me com dificuldades, dentre elas da necessidade de estudar de modo mais aprofundado o quadro teórico que fundamentava as atividades a serem propostas, principalmente em relação a uma concepção de linguagem. Aprendi que ser professor é dialogar com diferentes teorias que fundamentam as concepções de aluno e de professor, de ensino-aprendizagem, as metodologias, os modos de dialogar com as crianças e de enfrentar circunstâncias eventuais etc. A partir do exercício de pensar a prática pedagógica, alicerçada em teoria, pude perceber que essa formação se constrói por meio de estudo, experiência, investigação e reflexão sobre a própria prática.

Palavras-chave: Ensino. Pesquisa. Extensão. Linguagem. Formação do professor.

Apresentação

Este relato de experiência apresenta reflexões sobre meu processo de formação enquanto aluna de graduação do Curso de Pedagogia. Desde o final do ano de 2011, sou bolsista Prolicen⁴ e participo do projeto de pesquisa *Bakhtin e educação: diálogos possíveis* e da ação de extensão *Ler e escrever: práticas discursivas* realizada no ano de 2012, ambos desenvolvidos na Faculdade de Educação da UFG. Os estudos de Mikhail Bakhtin realizados no projeto de pesquisa alicerçaram a ação de extensão efetivada em uma escola da rede municipal de Goiânia, onde três oficinas de leitura e escrita foram desenvolvidas em duas turmas de alfabetização.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás – wanessamanhente@hotmail.com; bolsista Prolicen.

² Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás – carimeel@gmail.com

³ Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás – k_mcosta@hotmail.com

⁴ PROLICEN - Programa SESu-MEC, desenvolvido desde 1980, visa à valorização de Licenciaturas e a interação da Universidade com a rede pública de ensino.

Dentre as diferentes aprendizagens que tenho vivenciado, apresento reflexões sobre meu processo de formação profissional como futura professora e também uma análise discursiva de dois textos produzidos por alunos durante as oficinas.

Justificativa

Baseado em estudos sobre linguagem a partir da teoria de Bakhtin, a compreensão de formação de leitores e escritores se efetiva como processo que parte do conhecimento que a criança possui da língua e das discussões promovidas pelas inúmeras práticas sociais a que ela tem acesso ou que podem ser trabalhadas com ela. Para discutir linguagem, Bakhtin (1992) promove um diálogo com duas orientações teóricas de estudo da língua: subjetivismo idealista e objetivismo abstrato. No entanto, para Bakhtin (1992, p. 95), “na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas”, muito menos com usos subjetivos que se fazem dela. Os estudos bakhtinianos não tem como foco a língua em uma dimensão individual ou de sistema de normas, mas a linguagem como fenômeno social.

Assim, trabalhar leitura e escrita exige uma diferenciação entre língua, linguagem, como também o entendimento de conceitos como dialogismo, enunciado e interação. Por esse percurso, este relato revela os desafios de uma formação que se inicia na universidade, alcança à escola e estabelece parceria entre os conhecimentos de uma e de outra.

Objetivos

Apresentar uma trajetória de formação em que ensino, pesquisa e extensão se articulam para formação do professor da educação básica.

Metodologia

Este relato de experiência percorre o caminho da formação e por isso transita entre minha trajetória de formação e o desafio de atuar em sala de aula desenvolvendo oficinas de leitura e escrita com duas turmas de alfabetização em uma escola municipal de Goiânia. Para isso, a metodologia de trabalho se efetivou em períodos quinzenais. Em cada período, participei do grupo de estudos, da discussão e planejamento das oficinas, juntamente com as professoras-coordenadoras do projeto. Após a efetivação de cada oficina, eram escritos relatórios descritivos de campo, lidos e corrigidos pelas professoras-coordenadoras, e que serviam como fonte para planejamento das próximas oficinas e seleção de outros textos de

estudos necessários para que eu pudesse compreender teoricamente o trabalho que estava sendo realizado e contribuir com ele.

Resultados

Considero fundamental para minha formação a possibilidade de ter uma formação que articula ensino, pesquisa e extensão. No grupo, trabalhamos textos de Amorim (2004), Bakhtin (1992), Cagliari (2001) e Smolka (2008), buscando entender conceitos como linguagem, língua, gênero discursivo, dialogia dentre outros. Nas oficinas, que tiveram como participantes cerca de 26 alunos em cada turma de alfabetização, descobri a importância de o professor ter uma concepção de linguagem a fim de planejar, efetivar e avaliar a prática pedagógica. Também descobri outros desafios do ser professor.

As oficinas foram intituladas: *Nome próprio: o eu e os outros*, que tinha como objetivo pensar o nome próprio de cada criança em sua dimensão histórica, social e ideológica; *Desenvolvimento da escrita por autobiografia*, que buscava promover um pensar sobre o outro, no caso, a família e suas constituições diferenciadas. Na segunda oficina foi lida a história de Eva Furnari, *O amigo de Juliana*. Na história as personagens (Juliana e Fungo) descreviam a família a que pertenciam. Uma descrição era objetiva e sem adjetivações; outra descritiva e afetuosa. As crianças, com isso, escreveram autobiografias apresentando suas famílias.

Na terceira oficina, nomeada *O desenvolvimento da narrativa*, houve a elaboração de uma escrita coletiva acerca do personagem Fungo. A escrita teve o formato de história em série⁵. As produções foram baseadas nos temas: Fungo e Juliana, Fungo na escola, o novo amigo de Fungo, Fungo e o boneco Tob, Fungo em casa com os pais, nós e Fungo. Essa atividade visava mostrar às crianças que, de forma semelhante à proposta da história em séries, experiências diferentes são vivenciadas em casa, na escola etc. O objetivo dessa escrita ainda foi propiciar um momento de interação entre as crianças - uma ajudaria a outra a solucionar conflitos, dúvidas ou questões relacionadas à escrita.

As produções das crianças resultantes das oficinas exigiram de mim construir um olhar sobre os textos a partir do que já havia estudado em disciplinas da graduação, mas que tiveram que ser aprofundados. Um desses olhares é a análise discursiva de duas produções (uma de cada turma) decorrentes da terceira oficina, realizadas a partir de uma mesma temática: Fungo na escola.

⁵ Diferentes aventuras ou episódios/capítulos vividos pelos mesmos personagens.

A produção coletiva da Turma A, figura 1, foi escrita pela dupla ABA⁶ e MAS. A escrita não ocorreu de forma colaborativa, houve predomínio da escrita de MAS. A narrativa criada pelas crianças contava a história de um Fungo que sonhava em estudar mas que ao chegar na escola acabou se defrontando com a discriminação dos colegas. Nesse texto, vozes sociais anunciavam de que forma o olhar do outro transformava Fungo. Esse olhar era fundamentado em um determinado estereótipo - o belo é aceito, o feio recusado. A narrativa revelava que o olhar do outro exigiu que Fungo se transformasse em belo para ser aceito, ser feliz e ter amigos.

Fungo na Escola

Era uma vez um fungo ele não estudava ele tinha inveja do amigo dele ele disse para sua mãe mãe eu quero estudar a mãe disse meu filho lar na Escola tem perigo o fungo disse e bobagem lar na Escola não tem perigo a mãe disse talvez eu deixe o fungo feliz foi para Escola lar todo mundo ria dele ra, ra, ra, o fungo com vergonha ele saiu muito triste o amigo dele e Jim.

Figura 1: Fungo na escola (Turma A)

O texto da Turma B também foi elaborado de forma coletiva por um trio de crianças: ARY, NIG e TAN. Cada uma delas se responsabilizou pela escrita de uma parte do texto, o que se evidencia pelo uso de três tipos de letra. No entanto, a ideia do texto se repetiu nas “três escritas”, não havendo, portanto, diálogo ou leitura da parte escrita de uma criança pela outra. Na narrativa, Fungo tinha cabelos verdes, tromba de elefante, orelhas grandes, era chamado de feio e burro pelos colegas da escola. Ele não tinha um bom comportamento em relação à professora e aos colegas, era desobediente, gritava, era conversador, inquieto e teimoso. As vozes sociais do texto colocaram em cena a necessidade novamente de um determinado estereótipo para ser aceito na escola. Na produção da Turma B, o ser feio estava ligado ao ser ruim, ao não aprender. Em vez de transformar, o olhar do outro reafirmava estereótipos. Logo, foi possível supor que aquele que era belo também era comportado e inteligente.

⁶ As siglas, em caixa alta formada por três letras, se referem aos nomes das crianças.

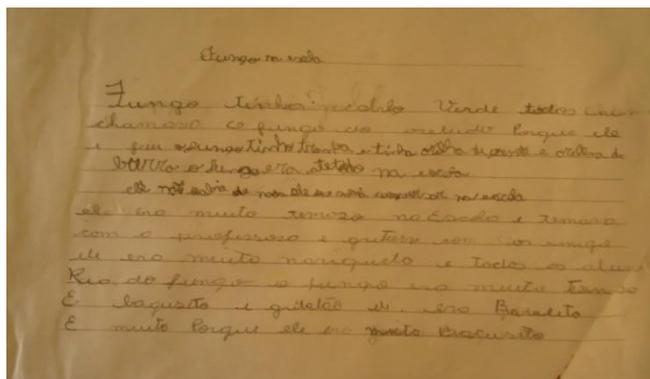


Figura 2: Fungo na escola (Turma B)

Portanto, os conteúdos aprendidos nas disciplinas de graduação, articulados com a vivência no grupo de pesquisa e na ação de extensão, me proporcionaram ampliar a concepção de formação de leitor e escritor assim como minha compreensão de ser professor, passando pela metodologia de ensino, de planejamento e de avaliação próprios ao caminho pedagógico no qual pretendo atuar - a fase inicial de alfabetização.

Na trajetória que percorri de planejamento, desenvolvimento e efetivação das oficinas, pude vivenciar a experiência de ser professor. Durante essa trajetória algumas indagações surgiram e continuam me acompanhando: Como fazer com que as crianças entendam o que é linguagem? Como incentivá-las a expressar-se pela escrita? Como lidar com as dificuldades das crianças? Como auxiliá-las? Como realmente construir com elas conceitos? Ressaltando que o estudo da/com a linguagem não deve se dar de forma mecanicista, mas deve possibilitar às crianças refletirem sobre a língua como prática social. Além disso, o professor ainda precisa saber lidar com a (in)disciplina, o tempo de dinamização, organização, prever o material a ser utilizado, as regras, a motivação, além de estar atento ao comportamento, às dúvidas e à movimentação das crianças em sala de aula.

Portanto, a articulação de ensino, pesquisa e extensão possibilita uma compreensão ampliada de formação profissional, em que esse profissional se ressignifica constantemente a cada pensar, implicando assim em uma nova leitura, uma nova proposta, uma nova experiência, um novo aluno.

Referências

- AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. SP: Musa, 2004.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. 13ed. SP: Hucitec, 1992.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. 10 ed. SP: Scipione, 2001.
- FURNARI, E. O amigo de Juliana. *Revista Nova Escola*. Edição especial. Contos para crianças e adolescentes, vol. 1, s/ano.

SMOLKA, A. L. B. *A criança na fase inicial da escrita a alfabetização como processo discursivo*. 12 ed. SP: Cortez, Campinas, SP: Ed da Unicamp, 2008.